

Bíblia, Literatura e Recepção

JOÃO LEONEL (ORG.)



Bíblia, Literatura e Recepção

ATELIÊ EDITORIAL

Editor

Plínio Martins Filho

CONSELHO EDITORIAL

Beatriz Mugayar Kühl – Gustavo Piqueira
João Angelo Oliva Neto – José de Paula Ramos Jr.
Leopoldo Bernucci – Lincoln Secco – Luís Bueno
Luiz Tatit – Marcelino Freire – Marco Lucchesi
Marcus Vinicius Mazzari – Marisa Midori Deaecto
Paulo Franchetti – Solange Fiúza
Vagner Camilo – Wander Melo Miranda

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

Reitor: Marco Tullio de Castro Vasconcelos

EDITORA MACKENZIE

Coordenador: John Sydenstricker-Neto

Conselho Editorial

Alexandre Nabil Ghobril
Ana Alexandra Caldas Osório
Cecília de Carvalho Castro e Silva
Gianpaolo Poggio Smanio
Gildásio Jesus Barbosa dos Reis
José Geraldo Simões Junior
José Luiz de Lima Filho
Maria Lucia Marcondes Carvalho Vasconcelos
Reinaldo Guerreiro
Rosangela Patriota Ramos
Walter Eustáquio Ribeiro

COLEÇÃO LETRAS MACKENZIE

João Leonel
Organizador

Bíblia, Literatura e Recepção

© 2022 João Leonel (organizador) e autores
Todos os direitos reservados à Editora Mackenzie.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma
sem a prévia autorização da Editora Mackenzie.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

B582 Bíblia, Literatura e Recepção. / organizador João Leonel. –
São Paulo: Editora Mackenzie; Cotia: Ateliê Editorial, 2022.
368 p.: il.; 25 cm. – (Coleção Letras Mackenzie; 13).

Inclui referências bibliográficas.
ISBN 978-65-5545-510-6 (Editora Mackenzie)
ISBN 978-65-5580-045-6 (Ateliê Editorial)

1. Bíblia e literatura. 2. Teologia – Literatura. 3. Literatura –
Religião. 4. Bíblia – Interpretação. I. Leonel, João, *organizador*.
II. Título. III. Série.

CDD 220.66

Bibliotecária Responsável: Jaqueline Bay Inacio Duarte – CRB 8/9509

Coedição

EDITORA MACKENZIE
Rua da Consolação, 930
Edifício João Calvino, 6º andar
São Paulo – SP – CEP 01302-907
Tel.: (11) 2114-8774 (editorial)
editora@mackenzie.br
www.mackenzie.br/editora/

ATELIÊ EDITORIAL
Estrada da Aldeia de Carapicuíba, 897
06709-300 – Granja Viana – Cotia – SP
Tel.: (11) 4702-5915
www.atelie.com.br | contato@atelie.com.br
facebook.com/atelieeditorial
blog.atelie.com.br

Printed in Brazil
Foi feito o depósito legal

Sumário

Prefácio – O Livro entre Nós	9
<i>Marisa Midori Deaecto</i>	
Introdução.	13

I. BÍBLIA COMO LITERATURA

1. Por Que Começam Assim os Evangelhos?	21
<i>Anderson de Oliveira Lima</i>	
2. Mateus 1:18-2:23; A Identidade Messiânica de Jesus	37
<i>Júlio Paulo Tavares Mantovani Zabatiero</i>	
3. Forma e Função da Esterilidade no Ciclo Narrativo de Sara e Abraão.	55
<i>Suzana Chwartz</i>	
4. Cenário, Construção de Sentido e Leitor: “Casa” no Evangelho de Mateus.	87
<i>João Leonel</i>	
5. A Inauguração do Templo de Salomão: Estratégias Narrativas na Construção de um Novo Discurso	113
<i>Ricardo Cesar Toniolo</i>	

II. BÍBLIA E LITERATURA

6. Graciliano Ramos e a Bíblia Sagrada: A Leitura do Texto Religioso Enquanto Desmistificação e Metáfora.	129
<i>Thiago Mio Salla</i>	
7. O Pecado das Origens e a Busca de Sentido: Releituras de Mark Twain e Machado de Assis	163
<i>Alex Villas Boas</i>	
8. Imagens da Bíblia na Poesia Épica Brasileira: Frei Manuel de Santa Maria Itaparica e Olavo Bilac	185
<i>Cristhiano Aguiar</i>	

9. A Ambivalência Textual no Conto “Via Crucis” de Clarice Lispector 205
Thiago Cavalcante Jeronimo

III. BÍBLIA E RECEPÇÃO

10. A Recepção da Bíblia na Cultura:
Entre Estrutura Complexa e Distância Temporal 223
Paulo Augusto de Souza Nogueira
11. O Poder da Palavra:
O Pai Nosso no Cristianismo Emergente 243
Bert Jan Lietaert Peerbolte
12. Marginália Sacra:
Uma Pesquisa Sobre Anotações a Mateus 271
Jonathan Luís Hack
13. Worshiper, Worker, Warrior:
Representations of Nehemiah in Children’s Bibles 285
Angela Parchen Rasmussen
14. “Espelhos de Papel”:
Funcionalidades de Paradigmas Bíblicos à Luz da Hagiografia
e da Biografia Devota em Portugal (Séculos XVII-XVIII) 301
Paula Almeida Mendes
15. Interpretación Bíblica y Formación Moral de la Mujer en el Siglo XIX:
El Ángel del Hogar 343
Carmen Yebra Rovira

Prefácio

O Livro entre Nós

*Marisa Midori Deaecto**

Como o inseto que zumbe ao redor da luz, eu circulo ao redor do Novo Testamento.

LUDWIG WITTGENSTEIN, 1937

As batalhas no *front* russo e a vivência no campo de concentração de Monte Casino revelaram ao filósofo austríaco não apenas os horrores da Guerra, mas uma crise aparentemente sem remédio da cultura e da civilização ocidental. Sem dúvida, uma experiência que causou a fratura da Velha Europa, no corpo e na alma, naqueles terríveis anos de 1914 a 1919, e que marcou o encontro de Wittgenstein com a Bíblia, como ele mesmo relatou em seus diários e como outros colegas de campo também o testemunharam.

Esse não foi o primeiro e certamente não será o último relato no qual um ateu confesso se vê à volta da Bíblia, como um “inseto que zumbe ao redor da luz”. O Livro está entre nós em matéria ou em pensamento, na vida cotidiana, ou nas ocasiões mais memoráveis. Resta saber o que move a sua busca em uma situação-limite, como esta relatada por Wittgenstein: o medo e o desejo de redenção da alma, ou a busca pela beleza, não menos redentora, no momento em que a humanidade evidencia o que há de mais sórdido e perverso no seu ser. Esse pretense dualismo se mostra, finalmente, infértil, quando se observa que, para pensadores como Wittgenstein, na esteira de tantos arautos da *Kulturkritik*, a crença no poder salvacionista da arte sobrevive até mesmo à carnificina da Guerra.

* Professora livre-docente em História do Livro da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

“Após o abandono da crença em Deus, a poesia é aquela essência que toma seu lugar como redenção da vida”¹, lembra Terry Eagleton ao citar o poeta Wallace Stevens. Mas se a essência é a própria expressão da beleza, então a Bíblia não deveria ser a fonte primeira, a síntese de tudo, na qual residem a beleza e a salvação?

Os capítulos reunidos neste belíssimo livro, organizado por João Leonel, abrem novas veredas para essa questão aparentemente insolúvel da fé e da fruição por meio da leitura bíblica. Ou, melhor dizendo, da palavra que assume a vocação salvacionista, capaz de conduzir o leitor/ouvinte a uma experiência mística, embora não se descuide de seu valor estético.

Reside, talvez, nessa aparente dualidade (fé/fruição) o fascínio que os leitores ateus da Bíblia despertam, particularmente quando o trato com a palavra constitui sua profissão de fé. É o que observamos nas leituras da Bíblia registradas por Graciliano Ramos, na marginália de um belo exemplar de luxo que o acompanhou na juventude, mas também em comentários soltos, anotados mais ou menos na mesma época, no epistolário do autor. O que espera o jovem Graciliano, então leitor de *O Capital*, de Marx, e de *A Origem das Espécies*, de Darwin, noutros termos, um ateu confesso, encontrar na Sagrada Escritura? Em primeiro lugar, como assinala Thiago Mío Salla, contradições e incoerências que só podem ser identificadas a partir de uma postura materialista da história. Mas, também, as faltas gramaticais, a deselegância no trato semântico e a fruição da leitura, mesmo que à custa de uma ironia nem sempre refinada. Uma abordagem que, na fatura final, não cai no vazio, pelo contrário, converte-se em “lição hermenêutica”, por meio da depuração do texto (o valor estético da palavra) e da “demolição irreverente de dogmas e lugares-comuns”. Mas não reside aí o princípio de uma boa obra literária?

Leitura, entretanto, é também aconchego, é o encontro consigo mesmo ou com entes queridos.

O Livro que contornamos como “o inseto que zumbe ao redor da luz” é também a casa que provê com o aconchego desejado. Essa vivência familiar, permeada pela Bíblia, foi bastante explorada por Lutero, em suas *Tischreden (Conversas à Mesa)*. As *colloquia* ou palestras não demoraram

1. Terry Eagleton, *A Morte de Deus na Cultura*, trad. Clóvis Marques, 2ª. ed., Rio de Janeiro, Record, 2018, p. 166.

a se converter em brochuras impressas, que traziam na capa uma gravura muito didática, na qual o pastor era ouvido por adultos e crianças em sua sala de jantar. Um exemplo, sem dúvida, a ser reproduzido por todos os crentes da nova igreja e cujas matrizes, como demonstra João Leonel em sua análise sobre as representações da casa no Evangelho de Mateus, partem das próprias Escrituras. Segundo o autor: “a casa [...] opera significados no nível intermediário das funções narrativas, definindo-se como o espaço que contribui para que personagens vivenciem experiências com Jesus Cristo”. Ao que conclui: “A casa/igreja é o lugar de aprendizado sobre Jesus e de relacionamento místico com ele” (p. 109).

Ocorre que o Livro que rodeamos e o Livro no qual adentramos é continente de palavras. É, portanto, suporte. A reunião de todos os livros em um único livro não sacrificou sua unidade: a Bíblia encerra entre duas capas a Palavra, leia-se, a Verdade. Da mesma forma que seus tradutores não descuidaram de resguardar essa unidade, é preciso assinalar que um livro polifônico corre o risco de provocar ruídos entre seus leitores quando não opera em um mesmo domínio linguístico. Portanto, não deixa de causar estranhamento a manutenção de capítulos em inglês e espanhol neste volume. Mas é claro que nada disso extrai dos conteúdos sua grandeza, de modo que as partes logram concorrer para uma totalidade harmônica.

De tudo o que ficou dito e do tanto que ainda haveria para se dizer sobre cada capítulo que compõe esta obra, cumpre registrar seu maior mérito: extrair da Palavra o seu valor estético, a sua beleza, reafirmando, outrossim, a fé, a esperança e o amor na obra humana. E se o lapso que separa o tempo da produção dos textos do tempo de sua recepção não raro força a análise ao limite do anacronismo, este parece um risco necessário para aqueles que desejam manter viva a leitura da Bíblia. Para tanto, como assinala o autor no capítulo de abertura deste volume, é preciso “explorar a literariedade [da Bíblia] com os olhos atentos e a mente aberta. No entanto, nessa atividade também é preciso dessacralizar os métodos, descanonizar as leituras prontas e desejar ir além” (p. 36).

Desejar ir além... *Bíblia, Literatura e Recepção* vai além ao ultrapassar a barreira do conformismo imposta por uma sociedade de consumo que teima em cair no vazio das respostas imediatas e das soluções pragmáticas. Sem dúvida, um livro necessário entre nós.

Introdução

*B*íblia, Literatura e Recepção é fruto de projeto de pesquisa financiado pelo Fundo Mackenzie de Pesquisa (MackPesquisa), ao qual agradecemos o suporte para que os estudos que resultaram neste livro fossem viabilizados. O projeto foi desenvolvido durante o ano de 2018 junto ao programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM).

Esta obra dá prosseguimento às pesquisas elaboradas pelo grupo que coordeno, vinculado ao CNPq: Núcleo de Estudos Bíblia e Literatura (NEBIL). Entre as atividades do grupo, constam a realização de eventos acadêmicos, a participação dos pesquisadores em congressos nacionais e internacionais, reuniões de estudo e produção de literatura.

O grupo tem produzido material significativo, seja em forma de dissertações e teses defendidas no Programa de Pós-Graduação em Letras da UPM, ao qual a maioria dos pesquisadores está vinculada, seja por meio de artigos acadêmicos, capítulos de livros, livros, comunicações e palestras em congressos.

Este livro, de modo particular, traz grande satisfação aos pesquisadores e estudantes ligados ao projeto. Primeiro, por demonstrar, de forma concreta, que a pesquisa sobre a Bíblia, seja em sua abordagem literária, seja em seu diálogo com a literatura, ou nas variadas formas de sua recep-

ção, é uma realidade em contexto nacional neste momento, para a qual temos a alegria de contribuir.

Outra razão que nos alegra é o fato de contarmos com a colaboração de pesquisadores nacionais e internacionais, cuja contribuição enriquece esta coletânea. Os autores são originários de conceituadas universidades brasileiras, como a Universidade de São Paulo (USP), Pontifícia Universidade Católica (PUC), Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM), Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), e de universidades do exterior, como a Universidade do Porto e a Universidade Católica Portuguesa, Portugal; Universidad Pontificia de Salamanca, Espanha; Vrije Universiteit Amsterdam, Holanda; e Georgetown University, EUA.

Como o leitor perceberá, os capítulos estão divididos em três eixos temáticos: “Bíblia como Literatura”, “Bíblia e Literatura” e “Bíblia e Recepção”, os quais cobrem áreas fundamentais para a pesquisa contemporânea sobre as Escrituras. Dessa forma, este livro insere-se em um contexto de estudos que contribuem para a compreensão e o aprofundamento dos temas atualmente pesquisados na academia.

Cabe dizer, sem maiores modéstias, que esta obra poderá marcar o mercado editorial brasileiro, ainda carente de trabalhos sobre a temática em virtude de sua envergadura e atualidade.

O primeiro bloco de capítulos, com o tema Bíblia como Literatura, apresenta textos com exercícios interpretativos de porções bíblicas a partir de teorias ligadas ao campo das Letras. “Por Que Começam Assim os Evangelhos?”, de Anderson de Oliveira Lima, tendo como guia Terry Eagleton, analisa o início dos evangelhos canônicos, considerando que os autores de textos literários concentram especial atenção no início de suas obras. Em seu percurso, Lima, por meio de uma análise detalhada e ao mesmo tempo sensível, indica as características próprias de cada texto, as diferenças entre eles e suas qualidades literárias.

O capítulo de Júlio Paulo Tavares Mantovani Zabatiero, “Mateus 1:18-2:23: A Identidade Messiânica de Jesus”, aborda o texto mateano que narra o nascimento de Jesus Cristo, dando atenção à construção de sua identidade como Messias. Após cuidadosa tradução do texto grego, na qual presta especial atenção a aspectos literários, Zabatiero discute a forma pela qual o texto se estrutura e, por fim, discorre sobre sua recepção.

“Forma e Função da Esterilidade no Ciclo de Sara e Abraão”, de Suzana Chwartz, parte da discussão do papel da esterilidade de Sara em relação com o desenraizamento do patriarca, no livro do Gênesis, principalmente nos capítulos 11 e 12, e se expande para outros segmentos do livro bíblico, demonstrando, assim, a importância do tema. O enfoque no ciclo de esterilidade como rito de passagem traz nova e relevante perspectiva interpretativa.

No capítulo “Cenário, Construção de Sentido e Leitor: ‘Casa’ no Evangelho de Mateus”, João Leonel considera a pouca atenção dada aos cenários, tanto na literatura ficcional quanto na Bíblia. Discutindo o ponto de vista dos exegetas de que o cenário “casa” seria meramente contextual, indicando somente o espaço histórico onde ensinamentos e ações de Jesus Cristo ocorreram, Leonel afirma, em oposição, por meio de elementos teóricos advindos da teoria narrativa, que a “casa” fornece a conexão entre a história de Jesus e a experiência comunitária dos primeiros leitores do evangelho de Mateus.

Ricardo Cesar Toniolo escolhe como *corpus* os livros pouco estudados de Crônicas, particularmente os capítulos 5 a 8 de 2 Crônicas. Em “A Inauguração do Templo de Salomão: Estratégias Narrativas na Construção de um Novo Discurso”, o autor faz uso de teorias narrativas em sua análise. A partir de comparações com o primeiro livro de Reis, Toniolo constata a presença mais enfática do narrador em Crônicas, que visa, dessa forma, valorizar o papel sacerdotal na narrativa. Ao mesmo tempo, o narrador coloca em realce os discursos divinos e do rei Salomão.

O segundo bloco temático versa sobre a relação entre Bíblia e Literatura. Tal convivência é milenar e implica o reconhecimento de que a Bíblia também é um texto literário e que ela surgiu historicamente em contato e em diálogo com outras literaturas, influenciando-as e sendo influenciada por elas. A realidade do diálogo de textos bíblicos com a literatura e da literatura com a Bíblia é o fundamento adequado para que se construam estudos sempre promissores, principalmente no Brasil, onde ainda não há uma tradição acadêmica nessa área.

O capítulo “Graciliano Ramos e a Bíblia Sagrada: A Leitura do Texto Religioso Enquanto Desmistificação e Metáfora”, de Thiago Mio Salla, investiga a marginalia produzida pelo escritor em sua Bíblia. A relação

de Graciliano Ramos com o texto sagrado chama a atenção pelo fato de ter sido um ateu declarado. Ao analisar as anotações marginais feitas na Bíblia por Graciliano, Salla identifica o papel de revisor, indicando aspectos a serem corrigidos e melhorados, relações intertextuais com textos literários e uma leitura irônica do texto bíblico.

Em torno do relato bíblico sobre Adão e Eva, Alex Villas Boas estabelece um diálogo entre os contemporâneos Machado de Assis e Mark Twain no capítulo “O Pecado das Origens e a Busca de Sentido: Releituras de Mark Twain e Machado de Assis”. Segundo Villas Boas, os autores produzem leituras criativas do texto bíblico marcadas pela ênfase no amor entre o casal, por parte de Twain, e pelo tom irônico, na abordagem machadiana. Tais enfoques são relacionados e interpretados por meio de categorias antropológicas e teológicas em perspectiva literária.

Cristhiano Aguiar, em “Imagens da Bíblia na Poesia Épica Brasileira: Frei Manuel de Santa Maria Itaparica e Olavo Bilac”, discorre sobre o uso da Bíblia pelos dois poetas no contexto da relevância da épica para a literatura brasileira. Para tanto, Aguiar identifica, no poema de Itaparica, as fontes bíblicas como matéria-prima para a elaboração poética, sem que tragam, no entanto, a primazia dos conteúdos teológicos para seu desenvolvimento. Já o poema de Bilac dialoga pontualmente com a Bíblia, enfatizando a antropologia de suas narrativas em detrimento de aspectos transcendentais nelas presentes.

“A Ambivalência Textual no Conto ‘Via Crucis’ de Clarice Lispector” traz uma aproximação ao tema cristão da narrativa da infância de Jesus, conforme registrado nos evangelhos de Mateus e Lucas, a partir de sua atualização ficcional no conto clariceano. Thiago Cavalcante Jeronimo propõe que a ambivalência se constrói a partir do rebaixamento do sentido espiritual do nascimento de Jesus Cristo e da abordagem paródica aos textos bíblicos que, em lugar de impor um tom ridículo, elabora uma nova interpretação.

O terceiro e último bloco deste livro dedica-se à recepção de textos bíblicos na história. A evolução da hermenêutica bíblica e das teorias literárias e da leitura, com enfoques voltados para o processo de interação entre autor-obra-leitor, propiciou um olhar voltado para a caminhada rica e variada da recepção de textos, sejam eles literários, sejam bíblicos.

Aplicadas à leitura da Bíblia, as teorias ligadas à recepção produzem resultados significativos e renovadores, como os capítulos apresentados a seguir ilustram com excelência.

“Estrutura textual” e “distância histórica” são os dois eixos que Paulo Augusto de Souza Nogueira escolhe para refletir sobre as leituras de textos bíblicos no decorrer da história no capítulo “A Recepção da Bíblia na Cultura: Entre Estrutura Complexa e Distância Temporal”. As estruturas complexas dos textos bíblicos, aliadas à distância temporal da grande maioria de seus leitores, trazem a possibilidade de geração de novos sentidos e de novos textos em diferentes contextos culturais e históricos, segundo Nogueira.

O capítulo de Bert Jan Lietaert Peerbolte, “O Poder da Palavra: O Pai Nosso no Cristianismo Emergente”, estuda a Oração do Pai Nosso em suas três fontes mais antigas: os evangelhos de Mateus e de Lucas e a Didachê. Mas vai além: rastreia a presença da oração em escritos cristãos a partir do segundo século, dando atenção especial às orientações sobre como utilizá-la, de acordo com Tertuliano, e investiga sua presença e função em papiros de magia.

Jonathan Luís Hack, em “Marginália Sacra: Uma Pesquisa sobre Anotações a Mateus”, apresenta uma abordagem pouco comum no mundo exegético ao examinar anotações marginais no texto do evangelho de Mateus produzidas por leitores de grupos cristãos variados. Com isso, Hack procura identificar de modo concreto a reação ao texto bíblico por leitores reais. Ao fazê-lo, importantes aspectos relativos a formas e hábitos de leitura da Bíblia são revelados.

Em “Worshiper, Worker, Warrior: Representations of Nehemiah in Children’s Bibles”, Angela Parchen Rasmussen analisa a adaptação de textos bíblicos para crianças tendo como foco a presença do livro de Neemias em bíblias infantis no contexto norte-americano. Uma vez que nem sempre estas incluem todos os livros do cânon, a autora discute a inserção e a omissão de Neemias nas bíblias estudadas. Rasmussen dá atenção especial a aspectos de transmissão de valores culturais na adaptação da literatura bíblica para o contexto infantil.

Paula Almeida Mendes, na escrita de seu capítulo “‘Espelhos de Papel’: Funcionalidades de Paradigmas Bíblicos à Luz da Hagiografia e da

Biografia Devota em Portugal (Séculos xvii-xviii)”, toma como *corpus* a intensa produção literária sobre as “vidas” de santos e “vidas” devotas nos séculos xvii a xviii em Portugal. No contexto do desenvolvimento da Contrarreforma, a autora indica como personagens do Antigo e do Novo Testamentos, e principalmente a vida de Jesus Cristo, tornam-se modelos para a construção e moldura das “vidas” em contexto apolítico.

A constituição da imagem da mulher no século xix espanhol é o objetivo do capítulo “Interpretación Bíblica y Formación Moral de la Mujer en el Siglo xix: El Ángel del Hogar”, escrito por Carmen Yebra Rovira. Em uma relação dinâmica entre textos e leitores, a autora indica como textos bíblicos, e quais porções específicas, influenciaram a construção da imagem da mulher como “anjo do lar” no período e como, ao mesmo tempo, práticas de leitura dos textos sagrados produziram determinados sentidos naquele momento. Como salienta Yebra Rovira, a leitura e a interpretação moralizantes exerceram forte influência no processo.

Por fim, há agradecimentos a serem feitos. Inicialmente aos colegas pesquisadores por aceitarem o convite para participar desta obra, dispondo de tempo para produzir os textos com a qualidade com que aqui se apresentam. Em segundo lugar, uma palavra de gratidão às revistas acadêmicas que autorizaram a republicação, em forma atualizada, de alguns artigos que constam neste livro. Dever prazeroso é a gratidão às editoras que investiram neste projeto e trouxeram à luz esta coletânea.

Quero agradecer, de modo particular, aos pesquisadores, alunos de mestrado e doutorado, assim como de graduação, que participam do grupo de pesquisa e estiveram envolvidos com a confecção deste livro. Alguns produziram capítulos, outros traduziram, outros revisaram e outros se envolveram com aspectos formais, visando à adequação dos textos às normas que regem a produção acadêmica no Brasil. Sem vocês este livro não seria possível.

JOÃO LEONEL
Organizador

“Após o abandono da crença em Deus, a poesia é aquela essência que toma seu lugar como redenção da vida”, lembra Terry Eagleton ao citar o poeta Wallace Stevens. Mas se a essência é a própria expressão da beleza, então a Bíblia não deveria ser a fonte primeira, a síntese de tudo, na qual reside a beleza e a salvação?

Os capítulos reunidos neste belíssimo livro, organizado por João Leonel, abrem novas veredas para essa questão aparentemente insolúvel da fé e da fruição por meio da leitura bíblica. Ou, melhor dizendo, da palavra que assume a vocação salvaçãoista, capaz de conduzir o leitor/ouvinte a uma experiência mística, embora não se descuide de seu valor estético. Reside, talvez, nessa aparente dualidade – fé/fruição – o fascínio que os leitores ateus da Bíblia despertam, particularmente quando o trato com a palavra constitui sua profissão de fé.

O maior mérito de *Bíblia, Literatura e Recepção* consiste em extrair da Palavra o seu valor estético, a sua beleza, reafirmando, outrossim, a fé, a esperança e o amor na obra humana. E se o lapso que separa o tempo da produção dos textos do tempo de sua recepção não raro força a análise ao limite do anacronismo, este parece um risco necessário para aqueles que desejam manter viva a leitura da Bíblia.

Marisa Midori Daecto

ATELIÊ EDITORIAL

ISBN 978-65-5580-045-6



www.atelie.com.br

EDITORA MACKENZIE

ISBN 978-65-5545-510-6



www.mackenzie.br/editora